

CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Caixa Postal 2066-Cep.01060-970-SP/SP - Rua dos Trilhos, 1365-Fundos - Moóca

EDITORIAL

Além dos dias de S. Pedro, S^o Antonio e S. João, o mês de junho incorporou uma nova festa: a Semana do Meio-Ambiente! Em algumas escolas ela já é celebrada da mesma forma que a Semana da Pátria, o Dia do Índio ou a Páscoa, com crianças fantasiadas, teatrinho etc. Entre os políticos e burocratas a festa é grande, com foguetório na imprensa, discursos, lançamentos de programas de educação ambiental, conservacionismo. O que é peculiar nisto tudo é que a onda verde, que agitou o mundo até os anos 80, está declinando. Ela foi assimilada pela luta parlamentar e, portanto, restrita a disputar o número minoritário de cadeiras ao qual as mobilizações perigosas sempre parecem "conquistar" até que se degenerem. Os seus aspectos mais radicais são hoje uma mera curiosidade inerente ao colorido das manifestações de rua. Assim, qualquer eventual crescimento do "Movimento Verde" deixou de representar uma ameaça aos partidos tradicionais. E, na medida em que este não mais significa uma possibilidade de construção de uma sociedade alternativa, pode

se tomar uma marionete "progressista" das classes dominantes. As suas bandeiras se restringiram e foram transformadas em promessas administrativas dos governos ou iniciativas patrocinadas por ações pontuais de ONGs muito específicas. Um estreito conjunto de opções que cobre desde o preservacionismo da ararinha-azul e do mico-leão até as ações de fomento ao "desenvolvimento sustentado"; as causas profundas que geram esses problemas e outros ainda mais sérios como o uso de combustível fóssil/efeito estufa, produção de lixo/capacidade de suporte ambiental não são mencionadas.

No Brasil, sem nunca ter alcançado o grau de penetração social dos seus congêneres do Primeiro Mundo, embora dotado de igual vocação para as ações com repercussão na mídia, o movimento verde teve boa parte de seu discurso incorporado a pirotecnia do governo. A Eco-92 consagrou o ambientalismo como ingrediente da modernidade e garantia do aval para alguns financiamentos internacionais.

Mesmo que uma parcela significativa da população estivesse imbuída de uma questionável "consciência ecológica", a adoção de uma

política ambiental pelo Estado não representa qualquer garantia de bons frutos. A população hiper-condicionada, no máximo exige dos governantes a resposta de sempre das classes dominantes, isto é, traduzir política ambiental pelo grotesco espetáculo de transformismo do Estado em sociedade civil. Isso implica em um maior papel fiscal do Poder "Público". Aliás, a capacidade de coerção está na própria natureza dos Aparelhos de Estado. Portanto, não se pode esperar nada de mais concreto e imediato, do que leis como a legislação "moderna", emergencial e quase apenas cosmética que obriga ao rodízio de carros em São Paulo - um caso típico.

Neste momento em que se realiza a conferência da ONU em Istambul, a Habitat 2, sobre assentamento humano. Em que as cidades e megalópolis são colocadas como o destino certo da humanidade, convém questionar não só o Ecologismo e a "consciência ecológica" mas o seu veículo, a tão badalada "Cidadania".

Por melhores que sejam as medidas para diminuir a poluição industrial, os agrotóxicos etc, elas significarão apenas uma breve freiada na aceleração da crise ambiental.

Assim como não é possível curar alguém que continua a ingerir veneno, pouco será obtido por ações superficiais enquanto as causas profundas não forem erradicadas. As ações tóxicas - fiscalizadoras - de um Estado policial podem mais seguramente torná-lo mais forte e opressor do que melhorar o meio ambiente. A maior omissão do Movimento Verde, salvo poucas e honrosas exceções, está em não apontar as verdadeiras raízes do problema - desviando e exaurindo a sua militância em ações reivindicativas não integradas na superação definitiva da questão ecológica.

Segundo o ecólogo americano e ativista radical, Murray Bookchin, a tecnologia e a indústria têm sido injustamente representadas como os protagonistas perversos deste drama, no lugar do mercado e da ilimitada acumulação de capital que consubstanciam o sistema de crescimento/acumulação que acabará por engolir toda a biosfera. Aos enormes problemas inerentes a ordem social do Capitalismo, devemos agregar os criados pela mentalidade que começou a se desenvolver muito antes de seu nascimento e que foi completamente absorvida por ele. Isto é, a mentalidade estruturada em termos de hierarquia e domínio, na qual a dominação do homem pelo homem deu origem à concepção de que dominar a natureza fosse o destino e, inclusive, necessidade da humanidade. Deve-se explorar a origem da hierarquia e da opressão para se encontrar uma solução para a destruição ecológica. O fato é

que a hierarquia em todas as formas - domínio do ancião sobre o jovem, do homem sobre a mulher, do homem pelo homem em forma de subordinação econômica, de classes, de castas, de etnia ou de qualquer outra possível estratificação social - não foi identificada como uma esfera de domínio muito mais amplo do que o domínio de classe. Este tem sido uma das falhas cruciais do pensamento radical. Nenhuma libertação será completa, nenhuma intenção de criar harmonia entre os seres humanos e entre a humanidade e a natureza poderá jamais ter êxito enquanto não sejam eliminadas todas as hierarquias e não só a das classes, todas as formas de domínio e não somente a exploração econômica (M. Bookchin, 1991, Revista Utopia, nº4, pags. 16-20).

Deve-se aceitar que a atual sociedade capitalista precisa ser substituída por uma sociedade ecológica, isto é, uma sociedade que incorpore mudanças radicais e indispensáveis para eliminar os abusos ecológicos. A "consciência ecológica" e o conceito de cidadania - quase unânime pregados pela imprensa e com fervorosos adeptos seja à esquerda como a direita... e tão necessários quanto etéreo para a maior parte da população - são, do modo que a maioria os descreve, rigorosamente insuficientes para essa transformação. Apesar de ser importante lutar pela despoluição dos rios, pela reciclagem do lixo, adoção de veículos menos poluentes, transportes públicos, agricultura

orgânica, sacolões e restaurantes populares, saúde e educação - nada disso será suficiente sem a luta contra o cerne do sistema gerador da doença social e ecológica: a luta econômica. Essa luta não pode ser limitada a ilusão reivindicatória dos salários, para romper com o sistema, a luta passa pela construção do poder político pelo trabalhador nas condições básicas de produção e de resistência às relações de dominação. Esse poder que está no conhecimento e controle da produção - autogestão - iniciaria a erosão das estruturas hierárquicas que dão suporte ao Capitalismo e a sua ação deletéria sobre a Natureza. A ampliação da luta política direta, longe da ilusão politiqueria do parlamento, atingiria as reivindicações "ecológicas e de cidadania" supracitadas, ao unificá-las pela afirmação efetiva de uma nova cidadania, que será erguida através do controle dos trabalhadores do seu cotidiano por meio de conselhos de bairros, de fábrica, agrícolas etc; estruturas locais e regionais; de caráter deliberativo e executivo, associadas de modo horizontal e federativo; de livre participação e sem outorga de cargos, apenas a delegação de comissões revogáveis a qualquer instante pelas bases.

As alternativas pontuais para os problemas ecológicos e sociais colocadas pelos setores interessados em reformar ou atenuar as contradições do Capitalismo: "ação da cidadania contra a fome", programa comunidade solidária, legislações etc, ao procurarem evitar ou direcionar a ação direta

e a autogestão das iniciativas populares, sempre levarão a reforçar algum aspecto do Estado fiscal e policialesco. Único ponto em que neo-liberais e estatizantes concordam em preservar, com certeza pode levar, pela força, até um certo controle do problema ambiental, mas sob o preço de uma aberração como o ecofascismo. Uma boa parte dos elementos irracionistas encontrados em alguns aspectos da onda esotérica da "Nova Era" poderiam servir de caldo de cultura e serem cooptados para suporte emocional da nova vestimenta do flexível e versátil Capitalismo. Só a construção de uma sociedade de produtores e não de consumismo desenfreado, uma sociedade em que o acesso ao trabalho e a riqueza coletivamente produzida seja igual para todos - onde as diferenças de sexo, idade, raça ou credo não signifiquem níveis hierárquicos e mas apenas a diversidade da espécie humana, um reflexo da própria variedade encontrada nos ambientes naturais - em suma, uma sociedade de abundância e não de desperdício, significará o ascenso a um novo patamar evolutivo na história: o Socialismo Libertário!



PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Inaugurando sua nova sede social, o CCS traz personalidades que viveram e presenciaram muito de sua história:

-06/07- "Centro de Cultura Social", com Roberto Freire, Jaime Cubero e Francisco Cubero.

Entrada Franca!

Horário: 16:hs., na sede do CCS

ATENÇÃO

Marcado o Calendário das Reuniões Trimestrais, passamos à divulga-lo:

- 13 de Julho
- 12 de outubro
- 14 de Dezembro

Sempre às 15:00h

REVOLUÇÃO ESPANHOLA

Realizaremos, no próximo mês de agosto um ciclo de palestras e debates-comemorativo do sexagésimo

simo aniversário da Revolução Espanhola com a seguinte programação:

•21 de Agosto - *A Revolução Espanhola no seu Contexto Histórico* pelo Prof. *Edgard de Decca*

•22 de Agosto - *As Experiências Autogestionárias na Espanha Revolucionária* pelo prof. *Edson Passetti*

•23 de Agosto - *Debate "A Atualidade da Proposta Revolucionária Espanhola com Jose Carlos Morel, Jaime Cubero, Prof. Antonio Valverde, entre outros.*

O evento, será realizado TESÃO - CASA DA SOMA na Rua Cândido Espinheira 465 - Perdizes São Paulo - SP.

AGUARDE PARA
BREVE A VOLTA DO
SERVIÇO DE
LIVRARIA DO C.C.S.

DICAS

FILMES

TERRA E LIBERDADE

Reconstituição histórica das lutas libertárias ocorridas durante a Revolução Espanhola entre 1936 e 1938, a partir da ótica de um jovem militante comunista inglês que, aderindo ao esforço internacional de solidariedade aos revolucionários, engaja-se nas milícias antifascistas do POUM, vivendo na carne os ensaios autogestionários dos trabalhadores e militantes anarquistas e socialistas, bem como a traição destes ideais e destas práticas, levadas a cabo pela IIIª Internacional e pelos Partidos Comunistas por ela comandados.

O filme, baseado parcialmente no relato autobiográfico de George Orwell (*Lutando na Espanha*) é um épico, no sentido clássico da palavra, desnudando a tragédia vivida pelos espanhóis e por todos os trabalhadores do mundo durante a Ascensão do Fascismo, e não permitindo que a emoção, que as vezes nos assalta, prive-nos da compreensão das forças

políticas que dominam o drama.

PÁGINAS DA REVOLUÇÃO

Em certo sentido este filme aborda o tema da revolução de um ponto de vista oposto ao filme anterior.

Baseado no magnífico romance do escritor italiano contemporâneo Antonio Tabucchi (*Sostiene Pereira*), o filme descreve a trajetória de um "analfabeto político", no sentido de Brecht, rumo a sua revelação.

Pereira é um intelectual português de meia-idade, vivendo em plena Lisboa salazarista, ao tempo da Revolução Espanhola; é um democrata, católico convicto, e igualmente crente da missão superior da literatura na iluminação dos povos. Politicamente é um conformista, tentando sobreviver como editor cultural de um jornal em meio ao obscurantismo fascista; seu corpo e seu espírito ressentem-se igualmente desta situação ambígua, até o momento, em que o acaso o faz conhecer um jovem casal de revolucionários anarquistas que recrutam militantes para as milícias revolucionárias espanholas.

O tema da morte, até então uma constante na vida de Pereira, cede espaço ao seu renascimento pessoal e político, que culmina em um interessante final, que deixaremos ao prazer do leitor de descobrir.

LIVROS

RAGTIME

O consagrado romance do escritor norte-americano E.L. Doctorow foi reeditado pela editora Record em formato de bolso com capa dura por apenas dez reais em qualquer banca de jornal.

O romance passa-se em Nova York na primeira década desse século, e descreve um lado pouco conhecido da vida americana. Seus principais personagens não pertencem a decantada classe média americana, os chamados *wasps*; eles são trabalhadores imigrantes, negros, radicais e anarquistas, cuja vida contrasta brutalmente com o contode fadas vivido pela classe média.

O livro descreve longamente as atividades da grande anarquista russa Emma Goldmann, bem como os primeiros conflitos raciais explícitos.